

Oração ou barganha?

“Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38).



Leonardo Núñez de M Reis

Não é raro presenciarmos práticas de oração que são verdadeiras barganhas, chantagens ou tentativas, por vezes inconscientes, de controlar Deus. Devido ao nosso egoísmo e fechamento em nós mesmos, num subjetivismo extremado, só conseguimos enxergar as nossas necessidades, problemas, sofrimentos, dificuldades... Sempre o meu problema, necessidade, bem-estar, felicidade e vida é mais importante, grave, urgente...

Essa mentalidade egocêntrica deixa suas marcas na forma como nos relacionamos com o próximo e com Deus. Ao invés de irmos ao encontro do outro, numa atitude de abertura e acolhimento, muitas vezes, tentamos manipular, dominar e utilizar as pessoas para atenderem e satisfazerem os nossos interesses.

Não é de estranhar, que tenhamos essa forma inadequada de nos relacionarmos com Deus. Quantas vezes tentamos chantagear Deus, prometendo cumprir uma determinada promessa, fazendo novenas, escondendo ou fazendo qualquer “ritual” com imagens de santos (como se estivéssemos colocando o santo de castigo ou de refém), acendendo velas ou fazendo algum “sacrifício” com a finalidade de que Deus atenda ao nosso pedido e à nossa prece. Como se esses gestos fizessem ou obrigassem Deus a olhar para nossa causa. Ou então, por pena, pela minha insistência, por eu ser bom e sempre cumprir os preceitos, Deus se comoveria e, só assim, atenderia minhas preces.

Porém, esta forma imatura de nos relacionarmos com Deus, pode servir de contra-testemunho e desconsidera importantes aspectos da revelação cristã do Deus Uno e Trino.

Primeiramente, se Deus sempre agisse de acordo com as nossas interpelações ou sempre que pedimos a Ele, Deus não seria livre, logo, não seria Deus. Deus é sempre o totalmente Outro, que atua de forma totalmente livre no amor – respeitando a liberdade de tudo e de todos que são diferentes Dele. Deus não é uma “babá” que está a nosso dispor para atender a todos os nossos choros. Não é porque tentamos ser pessoas boas ou porque fazemos nossas “manhas”, por mais justa que seja a causa pela qual estamos suplicando, que Deus terá que nos atender. Esta forma de se relacionar com Deus negligencia a eterna e constante ação amorosa de Deus. Ele, sendo amor incondicional (ágape), está a todo o momento junto e em nós, nos amando e agindo. Não há um instante sequer em nossa vida que Deus não esteja conosco e derramando suas graças e bênçãos. O que acontece é que nós, provavelmente na maior parte de nossa vida, nos fechamos a esta ação do Espírito de Deus e,

por isso, experimentamos a sensação de abandono ou distanciamento de Deus. E neste sentido, a oração é extremamente importante para nos lembrar e nos tornar mais abertos à ação de Deus. Rezamos não para “despertar” Deus ou fazer com que Ele se volte para nós, e sim, para que nós nos voltemos para Deus.

É válido ressaltar também que, considerando a liberdade de todas as coisas criadas por Deus, nem sempre o que pedimos, por mais que seja “da vontade de Deus”, é de sua competência ou Ele pode interferir. Por exemplo, a oração de Jesus no Horto das Oliveiras, momentos antes de ser preso e condenado à morte: “Pai, se é de teu agrado, afasta de mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua” (Lc 22, 42).

Embora saibamos que a vontade de Deus-Pai jamais seria a morte do Filho Amado, não era da competência Dele decidir por Jesus naquele momento. Cabia a Cristo decidir seguir em frente ou renegar em gestos e atitudes toda a sua vida e seus ensinamentos (o que era inviável e impossível). Porém, Deus-Pai atendeu à súplica de seu Filho, pois “apareceu-lhe então um anjo do céu para confortá-lo” (Lc 22, 43). Conforto que possibilitou e o reanimou para seguir em frente ao encontro dos momentos cruéis que o aguardavam. Desta forma, mesmo quando uma pessoa morre, esta não é a vontade de Deus, do Deus da Vida. Ao contrário, a vontade de Deus é a nossa vida eterna, plena e ressuscitada.

Sendo assim, em nossas orações, sigamos o exemplo de Maria: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Vamos fazer de nossas orações um canal fecundo para o amadurecimento do nosso relacionamento com Deus, da nossa abertura à sua verdadeira vontade. Que em nossas conversas diárias com Deus-Amor, possamos estar abertos às necessidades do próximo e ter a coragem e o discernimento necessários para transformar e ajudar sempre com que estiver ao nosso alcance e a força necessária para superar as situações que não podemos mudar e nem por isso, representam a vontade de Deus.

